

MISSÃO INTEGRAL: DESAFIOS TEOLÓGICO-PASTORAIS

Wanderley Pereira da Rosa *

Resumo

O que vai acontecer na América Latina em termos teológicos a partir das décadas de 1950 e 1960 são tentativas de respostas à nova configuração mundial do pós-guerra. A Teologia da Libertação foi talvez a mais importante dessas reações. Suas propostas, sob influxo do Vaticano II, criaram verdadeira desestabilização na Igreja Católica e também entre os protestantes evangélicos. Para estes ela se tornou ao mesmo tempo fonte de inspiração e de críticas. A crítica principal mirava na chave hermenêutica marxista utilizada por seus teóricos. Ao mesmo tempo, estes teólogos evangélicos latino-americanos percebiam a necessidade de revisão dos antigos paradigmas missiológicos diante das tremendas injustiças sociais presentes no continente e a situação de penúria sócio-econômica da maior parte da população latino-americana. Este é o embrião da Teologia da Missão Integral.

Palavras-chave: Missão Integral; História da Teologia; Teologia Latino Americana

INTRODUÇÃO

Creemos ser possível estabelecer uma linha de ligação entre o construto teórico conhecido como Teologia da Missão Integral e os movimentos religiosos que agitaram a Inglaterra, a Alemanha e as colônias americanas (mais tarde Estados Unidos) começando no século XVI e avançando até o século XX.

Na Inglaterra ainda nos dias da Rainha Elizabeth, anglicanos que desejavam o aprofundamento das reformas religiosas, os quais estavam sob influências tão diversas quanto anabatistas e reformadas, deram origem ao movimento conhecido como puritanismo. Este puritanismo caracterizou-se, dentre outras coisas, pela obsessão com a reta doutrina – o rigor doutrinário e dogmático. Uma vez que suas reivindicações não foram atendidas pela Rainha, a chefe da Igreja da Inglaterra, o movimento foi o berço das Igrejas Livres da Inglaterra, notadamente, presbiterianos, congregacionais e batistas.

* Informações sobre o AUTOR.

No século XVII na Alemanha surge um dos mais vigorosos movimentos de proposta de uma espiritualidade da história do protestantismo conhecido como Pietismo. Segundo David Bosch

No pietismo, a fé formalmente correta, fria e cerebral da ortodoxia deu lugar a uma união cálida e devota com Cristo. Conceitos como arrependimento, conversão, renascimento e santificação receberam significados novos. Uma vida disciplinada, e não a doutrina correta, a experiência subjetiva do indivíduo, e não a autoridade eclesiástica, a prática, e não a teoria – essas eram as marcas distintivas do novo movimento.¹

Ou, como afirma Paul Tillich o “pietismo é a reação do lado subjetivo da religião contra o lado objetivo”.² Contra a rigidez dogmática característica do puritanismo, os pietistas defendiam maior liberdade na recepção do texto bíblico. Curiosamente essa licença hermenêutica dos pietistas fez com que eles rapidamente assimilassem a leitura crítica e investigativa do texto escriturístico.³

Havia, porém, um denominador comum a puritanos e pietistas – o rigor ascético. No século XVIII estes dois movimentos vão se encontrar numa espécie de síntese na figura do grande avivalista inglês John Wesley. Wesley propagou como ninguém antes dele os ideais puritano-pietistas. Experiência emocional de conversão era o primeiro deles. Esta experiência definia uma identidade, o evangélico, e uma fronteira, eles são os salvos, diferente dos católicos. Este evangélico possuía suas marcas distintivas: rigor doutrinário, pureza moral, comportamento ascético. Mas Wesley também tinha profunda consciência social e espírito democrático. Advogou a abolição da escravatura e manteve vínculos de amizade com os primeiros abolicionistas ingleses. Seus interesses estenderam-se ao campo da medicina criando em 1746 um dispensário médico para atendimento aos pobres.

Todas estas tendências desembocaram em dezenas de movimentos avivamentistas os quais encontraram nas terras americanas um solo fértil. As principais características eram a pregação emocional, o convite à conversão individual, a rigidez moral com o conseqüente abandono do mundo, o foco no crescimento numérico. Surgem movimentos de santidade conhecidos como *holiness*, os acampamentos espirituais eram uma de suas estratégias. A nação

¹ BOSCH, David J. **Missão Transformadora** – mudanças de paradigma na Teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002, p. 309.

² TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2000, p. 209.

³ SANCHES, Regina Fernandes. **Teologia da Missão Integral** – história e método da teologia evangélica latino-americana. São Paulo: Editora Reflexão, 2009, p. 71.

cristã por excelência deveria ser santa. Daí o surgimento da doutrina da igreja espiritual. A idéia era não comprometer a Igreja com questões sociais. O pano de fundo era a questão do escravismo. Como justificar que a nação escolhida por Deus era escravocrata? A resposta passava por restringir as responsabilidades da Igreja com questões espirituais que visassem a salvação das almas, bem ao estilo gnóstico-dualista.

Outra característica eram os milenarismos. Um dos principais pontos teológicos que ajudaram na formação do futuro fundamentalismo norte-americano era a questão escatológica. O grande evangelista Charles Finney era pós-tribulacionista. Segundo Gondim o “pós-tribulacionismo, preconizava o avanço gradual do Reino de Deus até que permeasse o mundo inteiro, transformando-o por meio das ações da igreja.”⁴ Finney era ardorosamente contra a escravidão.

Gondim continua afirmando que o “fundamentalismo deu uma guinada nesse milenarismo; guinada que passou a conceber o mundo transformado não como resultado de ações da igreja, mas por meio de Cristo.”⁵ Os pré-tribulacionistas que depois acrescentariam o dispensacionalismo às suas crenças, afirmavam que esta transformação se daria instantaneamente como fruto da volta de Cristo. Haveria justiça sem a necessidade de intervenção da igreja. “Ora, com tal interferência instantânea, miraculosa e revolucionária do Messias, a igreja podia se despreocupar das ações transformadoras e centrar todo o esforço na salvação de almas.”⁶ Para eles era inútil tentar redimir o mundo.

Fundamentalistas e Evangélicos norte-americanos

A Origem das Espécies de Darwin foi duramente atacada em função de sua dissonância das Escrituras. A escatologia dispensacionalista dependia de uma leitura literal do texto bíblico. Muitos Seminários conservadores e fundamentalistas surgiram a partir do século XIX. A Inerrância das Escrituras era a principal bandeira. É neste contexto que são lançados os livretos conhecidos como Os Fundamentos (1909) e a Bíblia de Scofield (1909), libelos do movimento fundamentalista. O

⁴ GONDIM, Ricardo. **Missão Integral** – em busca de uma identidade evangélica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 41, 42.

⁵ GONDIM, 2010, p. 42.

⁶ GONDIM, 2010, p. 42.

momento nevrálgico na história do movimento fundamentalista se deu na década de 1920 no Estado do Tennessee o qual aprovou a proibição do ensino do evolucionismo nas escolas públicas. O professor de biologia John T. Scopes desobedeceu esta legislação, foi preso, julgado e condenado.

Se o fundamentalismo foi “o esforço dos protestantes puritanos, avivalistas e milenaristas de sobreviverem em um mundo crescentemente influenciado pela modernidade filosófica, econômica e ideológica, o movimento evangélico se tornaria o esforço para sobreviver ao desgaste do fundamentalismo.”⁷

O Movimento Evangélico em termos institucionais⁸ surgiu desse racha no movimento fundamentalista. Estes evangélicos lutavam contra o liberalismo teológico mas, ao mesmo tempo, não queriam se identificar com o obscurantismo intelectual que caracterizou o fundamentalismo, sobretudo, a partir da década de 1920. O grande expoente do movimento evangélico foi o pastor e evangelista batista Billy Graham. Sem se alinharem às posições mais radicais dos fundamentalistas, os evangélicos, porém, continuaram sustentando uma antropologia e soteriologia dualistas, defendendo a tarefa evangelística com foco na salvação das almas em detrimento de uma visão mais ampla de missão como propagação do Reino de Deus.

De modo geral, foi esta visão que os missionários protestantes trouxeram para a América Latina em meados do século XIX. Eram liberais do ponto de vista político e econômico e teologicamente conservadores. Seu projeto missionário para a América Latina (também Ásia e África) estava alinhado à ideologia do “Destino Manifesto” que por sua vez confundia pregação do evangelho e *American way of life*.

Os Evangelicais latino-americanos

O que vai acontecer na América Latina em termos teológicos a partir das décadas de 1950 e 1960 são tentativas de respostas à nova configuração mundial do pós-guerra. A Teologia da Libertação foi talvez a mais importante dessas reações. Suas propostas, sob influxo do Vaticano II, criaram verdadeira desestabilização na Igreja Católica e também entre os protestantes evangélicos.

⁷ GONDIM, 2010, p. 51.

⁸ A ênfase “em termos institucionais” é necessária para deixar claro que o “ser evangélico” não é posterior ao movimento fundamentalista, mas anterior. Como já temos visto, suas raízes remetem ao anglicanismo, passa pelas Igrejas Livres e encontra em Wesley sua consolidação.

Para estes ela se tornou ao mesmo tempo fonte de inspiração e de críticas. A crítica principal mirava na chave hermenêutica marxista utilizada por seus teóricos. Ao mesmo tempo, estes teólogos evangélicos latino-americanos percebiam a necessidade de revisão dos antigos paradigmas missiológicos diante das tremendas injustiças sociais presentes no continente e a situação de penúria sócio-econômica da maior parte da população latino-americana. Suas reflexões começaram por questionar o fundamentalismo, o dogmatismo e a influência cultural norte-americana. Queriam desenvolver uma teologia própria, contextual, que atendesse os desafios da realidade local. Este é o embrião da Teologia da Missão Integral. Nos Estados Unidos, *evangelical* era sinônimo de evangélico. Na América Latina, ser *evangelical* era estar alinhado com a Teologia da Missão Integral, diferentemente dos evangélicos norte-americanos que focavam na salvação das almas, os latino-americanos embalavam em suas reflexões profundas preocupações sociais.

Antes do famoso Congresso de Lausanne, teólogos da América Latina já haviam organizado o CLADE I (“Ação em Cristo para um Continente em Crise” – 1969). Segundo René Padilla, as aspirações da Missão Integral são:

O problema do homem no mundo não é simplesmente cometer pecados isolados e ceder à tentação de vícios particulares. Antes, é estar aprisionado dentro de um sistema que o condiciona para que absolutize o relativo e relativize o absoluto, um sistema cujo mecanismo de autosuficiência o priva da vida eterna e o submete ao juízo de Deus. Esta é uma das razões porque a evangelização não pode ser reduzida à comunicação verbal de conteúdos doutrinários, nem a confiança do evangelista pode ser depositada na eficácia de seus métodos.⁹

Evangelização e envolvimento sociopolítico deveriam andar juntos na agenda cristã.

A década de 1960 também vê uma reação de evangélicos latino-americanos conservadores e fundamentalistas a esta nova teologia, representada pelos evangelicais. No Brasil, estes evangélicos conservadores se alinham à ditadura militar.

A partir de 1964, há uma ascensão de fundamentalistas às cúpulas eclesiásticas os quais vão reproduzir nas igrejas aquilo que ocorria na sociedade: censura aos professores de teologia, fechamento de seminários, expulsão de professores e alunos e perseguição a pastores etc. Essa postura foi implementada a partir das propostas do Conselho Internacional

⁹ PADILLA, C. R. apud GONDIM, 2010, p. 66.

de Igrejas Cristãs, cujo objetivo era combater o ecumenismo, o liberalismo e o comunismo.¹⁰

Como fruto do CLADE I, formou-se em 1970 a Fraternidade Teológica Latino-Americana. Mas, mesmo entre os evangélicos da FTL não havia consenso sobre o método teológico da Teologia da Missão Integral. Muitos discordavam de um verniz mais acadêmico aos debates da Fraternidade; não havia consenso sobre o nível de diálogo que deveria haver com as ciências humanas; também em relação a abertura ecumênica as divergências eram e continuam sendo profundas.

Diz Ricardo Gondim: “Enquanto teólogos da TL produziram proficuamente, aprofundando temas fundamentais para uma práxis cristã mais solidária e justa, os evangélicos se debatiam com a tensão interna se o anúncio do evangelho tinha primazia sobre a ação social”.¹¹

O Congresso de Lausanne

Novo impulso foi dado ao movimento na América Latina com a realização do Congresso Mundial de Evangelização – Lausanne (1974). Contraditoriamente, para os latino-americanos representou um avanço, enquanto que para os norte-americanos e muitos europeus Lausanne foi apenas mais um Congresso de reafirmação dos antigos fundamentos puritano-pietistas que apontavam para a urgência da salvação das almas. Billy Graham em sua palavra inicial não deixava dúvidas: “Mesmo que tenhamos que discutir problemas políticos e sociais, nossa prioridade aqui é discutir a salvação de almas”.¹²

Os ventos do Congresso de Lausanne sopraram também aqui no Brasil. Os brasileiros introduziram definitivamente as idéias da Teologia da Missão Integral em solo pátrio com a realização do Congresso Brasileiro de Evangelização em Belo Horizonte em 1983. Figuras como Manfred Grellert, Robinson Cavalcante e Caio Fábio D’Araújo Filho vão ganhar grande destaque e tornam-se importantes líderes evangélicos, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990. Estes desejavam disseminar uma teologia holística que “alcançasse a pessoa toda com todo o Evangelho em todo o seu contexto social e cultural”.

¹⁰ LONGUINI NETO, Luiz. **O Novo Rosto da Missão**. Os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano. Viçosa: Editora Ultimato, 2002, p. 141.

¹¹ GONDIM, 2010, p. 75.

¹² GONDIM, 2010, pp. 115-116.

Fato é que, por melhores que fossem as intenções, a Teologia da Missão Integral não conseguiu alcançar as igrejas brasileiras na dimensão que seus idealizadores esperavam. Restringiu-se quase que exclusivamente a alguns presbiterianos, batistas, metodistas e pouquíssimos de outras denominações. Um de seus principais mentores no Brasil, o Bispo Dom Robinson Cavalcanti na Revista *Ultimato* externava seu desencanto ao falar “do ‘crescimento decadente’ do protestantismo brasileiro – seu abandono, quase por completo, das fontes reformadas; sua adoção de práticas do pragmatismo secular, a intolerância do exclusivismo fundamentalista”.¹³

O fundamentalismo carrega em si o vírus do docetismo. David Bosch afirma:

No momento em que se considera que a missão consiste de dois componentes separados, admite-se, em princípio, que cada um deles possui vida própria. Isso, então, implica dizer que é possível ter evangelização sem uma dimensão social e envolvimento social cristão sem uma dimensão evangelística. Além disso, se sugerimos que um componente é primordial, o outro secundário, dizemos implicitamente que um é essencial e o outro opcional. Foi exatamente o que ocorreu.¹⁴

Os Desafios Para a Missão Integral

A Teologia da Missão Integral e seu fórum de discussão por excelência, a Fraternidade Teológica Latino-Americana, se configuram em um rico avanço missiológico e eclesiológico tanto para a América Latina quanto para outros cantos do planeta. Sua proposta de compreensão da *missio ecclesiae* em termos amplos, integrais e holísticos desafia-nos a repensar a natureza e a identidade de nossas comunidades cristãs e de nossas práticas pastorais. A missão como propagação do Reino de Deus representa uma importante superação dos antigos modelos evangelísticos individualistas focados na alma e no crescimento numérico das igrejas. Seu convite a um evangelho contextualizado representa uma celebração da diversidade humana.

Por outro lado, algumas tarefas precisam ser aprofundadas se queremos, de fato, alcançar relevância social no contexto latino-americano. Caso contrário, continuaremos a experimentar apenas o “decadente crescimento”.

Dentre estes desafios precisamos superar nossa matriz teológica fundamentalista que nos priva de reflexão teológica original e criativa e de diálogo

¹³ CAVALCANTI apud GONDIM, 2010, pp. 96-97.

¹⁴ BOSCH, 2002, p. 485.

com a sociedade. Superar a teologia do pré-milenarismo dispensacionalista para quem quanto pior melhor, e se o mundo irá ser destruído não há nada que possamos fazer. Devemos deixar a tarefa da justiça com Cristo na Sua volta, cabendo a nós tão-somente a salvação das almas. Superar o dualismo antropológico que hierarquiza espírito e matéria, levando-nos ao desprezo pelo corpo e pela vida, à desconfiança com o prazer e a alegria. Superar a obsessão pela verdade doutrinária, reconhecendo os limites da razão humana e suas contradições, somente assim nos abriremos ao diálogo renovador e criativo. Somente assim faremos uma teologia que tenha como elemento constitutivo de sua formulação, o paradoxo. Superar a atitude anti-intelectual de fechamento para o diálogo com as ciências humanas. Superar o literalismo bíblico, chamado no mundo fundamentalista de “inerrância das Escrituras”, reconhecendo a historicidade do texto bíblico, pois somente assim poderemos ir além de uma leitura redutora desse texto e avançarmos numa reflexão teológica que abrace os novos temas de gênero, diversidade sexual, minorias, ecologia, bioética etc. Superar a busca pelo perfeccionismo individualista. Superar a tentação constantiniana de construção de uma cristandade gospel. Esta decididamente é a crônica de uma morte anunciada.

Além disso, devemos superar o mimetismo dos modelos eclesiais norteamericanos. O modelo de crescimento de igrejas focado no crescimento numérico (como o defendido pela escola missiológica do Seminário Fuller); o modelo de igrejas-empresas, como o popularizado na década de 90 no Brasil pelo livro *Uma Igreja com Propósitos* de Rick Warren; o modelo de igrejas-espetáculo. Tudo isso em busca de comunidades que sejam ambientes inclusivos e terapêuticos, insistindo numa concepção de evangelização como proclamação dos valores do Reino de Deus, ampliando assim o conceito de salvação e proporcionando uma alternativa de vida ao oferecido por estes tempos pós-modernos.

Referências:

BOSCH, DAVID J. **Missão Transformadora** – mudanças de paradigma na Teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002.

GONDIM, Ricardo. **Missão Integral** – em busca de uma identidade evangélica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

GRELLERT, Manfred. **Os Compromissos da Missão** – a caminhada da igreja no contexto brasileiro. Rio de Janeiro: JUERP e Belo Horizonte: Visão Mundial, 1987.

LONGUINI NETO, Luiz. **O Novo Rosto da Missão**. Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Editora Ultimato, 2002.

SANCHES, Regina Fernandes. **Teologia da Missão Integral** – história e método da teologia evangélica latino-americana. São Paulo: Editora Reflexão, 2009.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2000.